

**Gostaria que o senhor nos contasse a respeito de sua trajetória familiar: Seus pais, sua infância e formação.**

**JEFFERSON DEL RIOS** - Meu nome completo é Jefferson Del Rios Vieira Neves. Sou do interior, Ourinhos, região da Sorocabana, divisa com o estado do Paraná, e onde vivi até os 18 anos assistindo o teatro amador local e os chamados “dramas de circo”. É a mesma cidade do diretor Antonio Abujamra e do comediante Ary Toledo que fazia teatro na sua juventude e mais tarde foi ator do Teatro de Arena.

**Sabemos que o senhor é crítico teatral, porém nem sempre essa foi sua escolha de profissão. Você pode nos contar sobre como se deu a trajetória que o levou à crítica teatral?**

**JDR** - Não tenho uma explicação racional para o meu gosto por imprensa e teatro. Aos 15 anos, já editava o jornal dos estudantes do ginásio e em São Paulo ingressei no jornalismo por indicação de um conterrâneo que estava na profissão. Entrei em História na USP, mas não cursei, e é algo que lamento. Inscrevi-me na Escola de Arte Dramática (EAD) por um erro de informação. Estava a procura de mais conhecimentos em teatro e na secretaria da EAD só me indicaram a prova de interpretação. Ninguém comentou a existência dos cursos de Crítica e Dramaturgia. No segundo ano, deixei a EAD depois de liderar um movimento pela renovação curricular, o que está documentado na revista *Dyonisos* da Fundação Nacional de Artes Cênicas, hoje FUNARTE (Numero 29, 1989). Em 1971/73, estudei no Centre de Formation des Journalistes, Paris e segui todos os cursos de teatro da Sorbonne, o tempo me permitia.

**JDR** – Jornalismo e crítica foram, sim, escolhas. Logo que me iniciei na profissão, na *Folha de S.Paulo*, em 1966, meu interesse por teatro aos poucos chamou a atenção de Cláudio Abramo, o diretor da redação. Além de ser um excepcional homem de imprensa, Claudio sempre teve vínculos com o mundo das artes. Entre seus irmãos estavam o gravador Lívio Abramo, a atriz Lélia Abramo e o crítico teatral Athos Abramo. Foi Cláudio quem, em 1969, me convidou para ser crítico, o que nunca me impediu de exercer simultaneamente, na *Folha*

e em outras publicações, as atividades de Editor, Redator de Política Internacional e Correspondente no Exterior. Quando passei a acumular a crítica, estava há três anos na redação.

**Boa parte de sua carreira se deu durante um período específico da história do Brasil, a Ditadura Militar. Como você observou e sentiu a influência desse contexto nos palcos?**

**JDR** - No dia primeiro de abril de 1964, já havia artistas conhecidos tratando de sair de circulação. Os grupos Arena e Oficina suspenderam durante vários dias a temporada de, respectivamente, *O Filho do Cão*, de Gianfrancesco Guarnieri, e *Pequenos Burgueses*. Esses espetáculos acabariam voltando, mas o Teatro Oficina suspendeu o projeto de encenar *Pena que ela seja uma p*, clássico de John Ford. O que veio a seguir está amplamente documentado, a começar por dois relatos concisos do crítico teatral carioca Yan Michalski: *O Palco Amordaçado* e *O Teatro sob pressão*. Acompanhei de perto esses acontecimentos.

**Roberto Schwarz chegou a afirmar que durante a década de 60 o Brasil estava ficando mais inteligente, prova disso são os inúmeros espetáculos que surgiram no período questionando a política e a ordem social do país. Como isso se refletiu no teatro?**

**JDR** – O Brasil vital continuou inteligente, mas à custa de grandes sacrifícios, de prejuízos financeiros com montagens prontas e proibidas na estreia, a prisões e mortes. Em escala local ocorreu o mesmo que na União Soviética quando Stalin, a partir dos anos 30, passou a dizimar, muitas vezes fisicamente, as vanguardas, caso de Meyerhold. Na Alemanha, o mesmo passou a acontecer com a ascensão de Hitler.

**O ano de 1968 é lembrado por ter sido um período de acirramento da Ditadura Militar, porém foi também um ano culturalmente fértil, em que muitas das principais produções teatrais vieram à cena. O que foi o ano de 1968 para o senhor?**

**JDR** – Não houve algo mágico em 1968, mas a continuação de um processo criativo fértil. Por isso, a ditadura tomou suas providências para tentar frear as inovações, propostas e audácias culturais.

**O AI-5 foi um dos grandes golpes da Ditadura durante o ano de 1968; suspendeu direitos civis e culminou no acirramento do regime militar. Em sua opinião, como o AI-5 influenciou a história do teatro brasileiro?**

**JDR** – Em 1968, a jovem diretora Heleny Telles Guariba, que já vinha se destacando pelo talento, realizou uma montagem excepcional de *Jorge Dandin*, de Molière. Em 1967, foi assassinada pela Ditadura e seu corpo continua desaparecido. O fato diz tudo.

**Gostaria de falar sobre o Teatro Oficina, principalmente sobre a peça *O Rei da Vela*. Para o senhor, qual a importância dessa encenação na história do teatro brasileiro? Qual o impacto desta encenação para o senhor?**

**JDR** – A sua menção ao espetáculo 43 anos de sua estreia atesta a força, a beleza insolente da encenação de José Celso Martinez Corrêa. Com uma linguagem cênica, audaciosa, *O Rei da Vela* contribuiu para que os artistas (diretores e intérpretes) se sentissem mais livres na abordagem de obras consagradas. O público foi conquistado pelo espetáculo que vi mais de uma vez apenas como espectador, não era ainda crítico teatral.

O REI DA VELA  
DE  
OSWALD DE ANDRADE